

# OS CADÁVERES SÃO BONS PARA ESCONDER MINAS

Teatrão

**T 20 OUT-13 NOV 2022**

TER, QUA e DOM 19h · QUÍ e SEX 21h30 · OMT · M16 · Dur. 1h20

*Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas* encerra a narrativa que o Teatrão construiu desde 2018 denominada CASA e que enquadrrou *A Casa Portuguesa*, *A Casa do Poder* e *A Casa Fora de Casa*, os ciclos de criação dedicados ao Estado Novo, à Europa, à Família e à Guerra. A CASA foi o motor para investigar, discutir e criar artisticamente objetos que discutam o presente e o lastro histórico que carregamos sem discutir e superar.

Com dramaturgia original de Jorge Palinhos, a ficção apoia-se numa pesquisa documental baseada em testemunhos de soldados mobilizados para a Guerra do Ultramar, feita em parceria com o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

DRAMATURGIA DE JORGE PALINHOS  
ENCENAÇÃO DE ISABEL CRAVEIRO

DE CRIAÇÃO TEATRÃO EM  
COPRODUÇÃO COM TEATRO  
MUNICIPAL JOAQUIM BENITE /  
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

SESSÕES ACESSÍVEIS

6 NOV, 19h: Audiodescrição  
30 OUT 19h e 5 NOV 21h30:

Interpretação em  
Língua Gestual Portuguesa  
(em colaboração com a Licenciatura  
em LGP da ESEC)



**S**ou filha de um ex-combatente da Guerra Colonial, mobilizado para o C.P.I. da Guiné, em 1966. O meu pai faleceu com 40 anos, em 1983, era alcoólico. Nasci em 1973. Sempre quis saber a sua história. Parte dela tem a ver com a Guerra. Estes factos não determinaram esta criação. Este espetáculo não é sobre o meu pai. Mas claro que ele o habita, porque ele está em mim. Ele é tempo presente.

Este espetáculo levou-nos a entrevistar ex-combatentes, esposas e ex-esposas de combatentes que fazem atualmente terapia no Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAPS-4) da Liga dos Combatentes de Coimbra. Fomos confrontados de imediato com aquilo que, na verdade, nos motivou para o projeto, a Guerra Colonial é assunto do presente e não do passado. É uma questão complexa, dolorosa, que envergonha, embaraça, incomoda políticos e sociedade em geral, que não soubemos ou não pudemos tratar. É um conflito entre a necessidade de lembrar e esquecer. Semanalmente, eu e o Jorge Palinhos, entrevistámos homens e mulheres que engolem e vomitam o passado e o presente doloroso, como se de um outro tempo se tratasse, que corre mas não sai do lugar. ISABEL CRAVEIRO



**Na última década estuda-se mais, fala-se mais, cria-se mais, discute-se mais a partir do passado colonial. Este espetáculo discute, 50 anos depois, o tempo único passado/presente que habita a cabeça de ex-combatentes com diagnóstico de stress pós-traumático. Parte dos-seus testemunhos.**







**N** Na casa onde cresci havia isto: uma catana, estandartes de vários regimentos sedeados em África, quadros de inspiração oriental comprados em Moçambique, uma pistola de serviço que o meu pai guardava numa gaveta junto à cama, e que ocasionalmente oleava e verificava as balas. Nunca ninguém me disse de onde vinham estes objetos e, no entanto, eu sempre soube. A guerra: aquela que toda a gente conhecia e de que ninguém falava.

Seria fácil falar da ideia popularizada por José Gil de que Portugal seria um país sem memória. Só que a memória é um gesto. Um esforço deliberado de guardar o passado. E toda a gente sabia que a guerra que Portugal manteve nas suas colónias entre 1961 e 1974 era para esquecer.

Mas se a memória implica esforço, o seu contrário, o esquecimento, também. Pois o passado não é mais do que o chão que pisamos, mesmo quando raramente olhamos para ele. E para este espectáculo procurou-se principalmente a pesquisa, de resgatar testemunhos, lembranças, que nos mostrassem como a guerra permanece invisível entre nós.

É, portanto, uma peça sobre a impossibilidade do esquecimento e da memória, e sobre as suas mais invisíveis vítimas em Portugal: os soldados da Guerra Colonial, que ainda a carregam no corpo e na alma, e são o húmus para que ela continue a dar os frutos amargos que insistimos em não ver. **JORGE PALINHOS**



